

MANIFESTO VOZ DO JOVEM



Sumário

1. Introdução.....	03
2. Fontes e metodologia.....	04
a. Pesquisa.....	05
i. Perfil dos respondentes.....	05
b. Entrevistas.....	08
3. Descobertas.....	09
3.1. Entrevistas - o dia-a-dia escolar.....	10
3.1.1. Motivação dos alunos.....	10
3.1.2. Currículo.....	12
3.1.3. Formação crítica e cidadã.....	14
3.1.4. Integração e participação.....	15
3.1.5. Valorização do professor.....	17
3.2. Pesquisa - um retrato da desigualdade.....	18
3.2.1. Condição da escola.....	19
3.2.2. Meio familiar.....	22
3.2.3. Interesse dos alunos.....	24
4. Conclusão.....	27
Anexos.....	28

Introdução

O Movimento Mapa Educação foi idealizado e criado por jovens com um objetivo em comum: fazer com que todos os brasileiros tenham acesso a um ensino de qualidade. Para isso, queremos que a educação seja prioridade no debate e na agenda política nacional. Para tanto, fez-se necessário, antes de agirmos, compreender melhor o assunto. Quando surgimos, em 2014, decidimos inicialmente realizar dez entrevistas com especialistas da educação. De dez, chegamos a mais de cem entrevistas com representantes de diferentes setores da educação, desde ex-presidentes, atuais parlamentares e secretários de educação até diretores executivos de fundações, professores, sindicalistas e estudantes. O que era para ser apenas um relatório se tornou o Manifesto Mapa do Buraco, um documento apontando os principais gargalos e possíveis soluções para a educação brasileira.

O **Manifesto Mapa do Buraco** foi lançado em 2014 no Rio de Janeiro, logo antes das eleições presidenciais. Sua publicação desafiou candidatos a encararem a importância e a urgência de melhorar o ensino brasileiro, promovendo o deba-

te sobre educação no contexto eleitoral. Mas não quisemos parar por aí. O que antes era apenas o Mapa do Buraco tornou-se um Movimento que hoje possui mais de 50 membros, além de embaixadores em todos os estados, atuando ativamente em uma série de projetos, pesquisas, laboratórios e conferências que buscam soluções para a educação brasileira.

Diante das eleições de 2016, refletimos sobre o Manifesto Mapa do Buraco e percebemos que, apesar do vasto conhecimento compartilhado pelos especialistas, uma voz essencial ao debate de educação tinha ficado de fora: a voz do jovem. Este novo manifesto tem como objetivo dar espaço àqueles que lidam e sofrem diretamente com a realidade das salas de aula no Brasil: os jovens estudantes. Entrevistamos jovens lideranças para aprender, com suas experiências, lições sobre como melhorar a educação no nosso país. Ao mesmo tempo, realizamos uma pesquisa que foi respondida por mais de 12 mil jovens brasileiros, que pontuaram suas percepções sobre a educação que recebem.

O Movimento Mapa Educação acredita que o poder para mudar a realidade edu-

cacional brasileira está na mão dos jovens, nossa próxima geração de líderes. Por isso, fomos descobrir suas motivações, dificuldades e o que eles esperam receber a nível educacional de seu país. Nada mais coerente, portanto, que nomear este manifesto o **Manifesto Voz do Jovem**.

O Manifesto Voz do Jovem é uma lei-tura que buscará responder o que os alunos esperam e pensam sobre educação. Quais suas principais motivações e o que os afasta das salas de aula; qual a relevância de sua participação nos conteúdos, na formação crítica e na construção de uma relação com professores; além de abordar outros pontos, como a infraestrutura das escolas e qualidade dos materiais, a influência da participação da família no ensino e a falta de incentivo para os alunos. O resultado final é um registro detalhado e atual do que querem os jovens brasileiros com relação à sua educação, que servirá de guia para aqueles que querem lutar pela mudança que a educação brasileira precisa. Convidamos você a se juntar a nós nessa luta. *Boa leitura!*

Fontes e Metodologias

A elaboração do Manifesto Voz do Jovem, como o nome já diz, contou com a participação de jovens brasileiros ligados à educação. Estes jovens foram ouvidos através de uma pesquisa a nível nacional e cerca de vinte entrevistas, também realizadas com professores. A pesquisa e a entrevista se complementam - a primeira proporcionando uma visão mais sistemática e em grande escala, e a segunda contribuindo com mais profundidade sobre o pensamento dos jovens.

Pesquisa

A pesquisa teve como objetivo buscar maior alcance e riqueza de informações e dados sobre temas importantes na educação, de acordo com a visão do jovem. Conseguimos chegar a mais de doze mil contribuições em todo o território nacional. Partindo da seleção de embaixadores e outros parceiros em cada estado, responsáveis pela divulgação da pesquisa, foi possível colher informações de jovens de diversas idades, do ensino fundamental até o superior, de escolas públicas e privadas.

A pesquisa foi separada em cinco campos: dificuldades, participação da família, benefícios da educação, ferramentas de aprendizado e melhorias para a educação. A íntegra do questionário está disponível em anexo.

Perfil dos respondentes

Nossa pesquisa recebeu 12.132 respostas. Dessas, decidimos focar nos 11.519 respondentes com idade entre 9 e 24 anos, por estarmos interessados na voz do jovem em idade escolar. Essa faixa etária corresponde a 95% das respostas. O Gráfico 1.1 mostra a distribuição completa das idades.

Em termos de distribuição regional, temos uma porcentagem de estudantes do Sudeste aproximadamente 10% maior do que a esperada (de acordo com a distribuição populacional do Brasil), estando as outras regiões um pouco menos representadas (Gráficos 1.2). Já com relação à renda, podemos verificar que a renda do nosso respondente tende a ser mais alta que a média brasileira (Gráfico 1.3). Finalmente, o Gráfico 1.4 ilustra a atitude do jovem que respondeu à nossa pesquisa com relação à educação. Nota-se que esse jovem predominantemente gosta de estudar.

Todas essas variáveis nos mostram que o jovem que respondeu nossa pesquisa é uma amostra particular dos jovens brasileiros. Devido à metodologia da nossa pesquisa - que ficou disponível online e foi divulgada com a ajuda de nossos embaixadores e parceiros - acreditamos que atraímos um público que naturalmente se interessa pelo assunto. Queremos saber que lições podemos aprender com esses jovens para melhorar a educação brasileira.

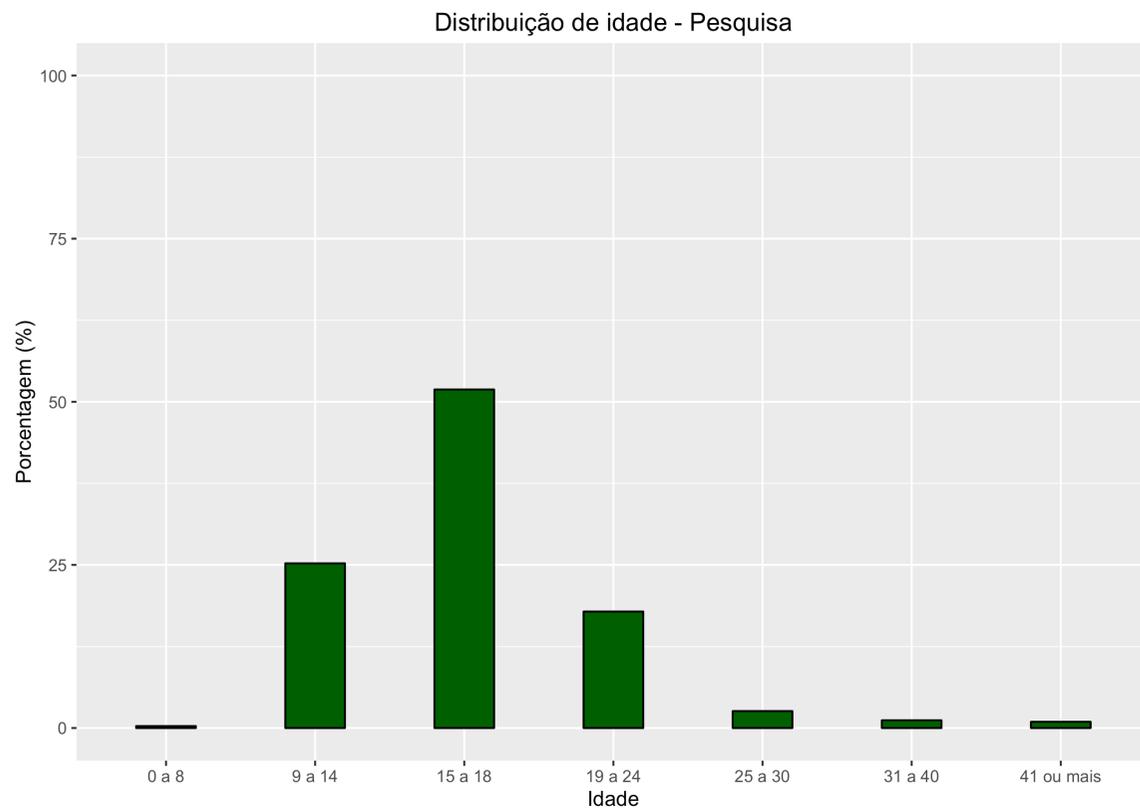


Gráfico 1.1

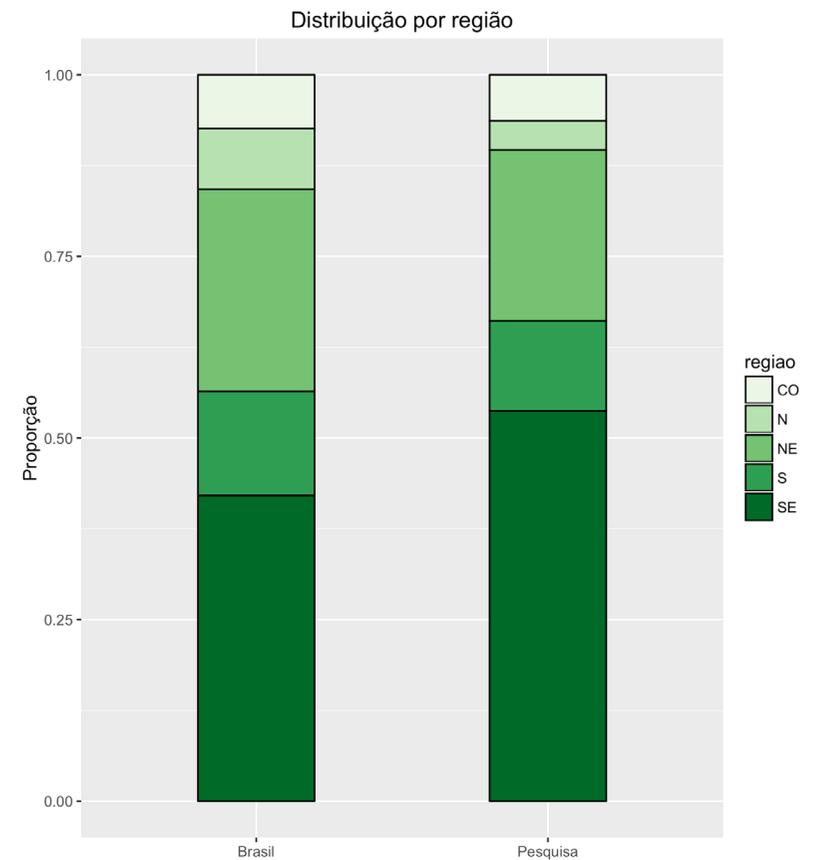


Gráfico 1.2

Dados Brasil: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/estimativa2011/tab_Brasil_UF.pdf

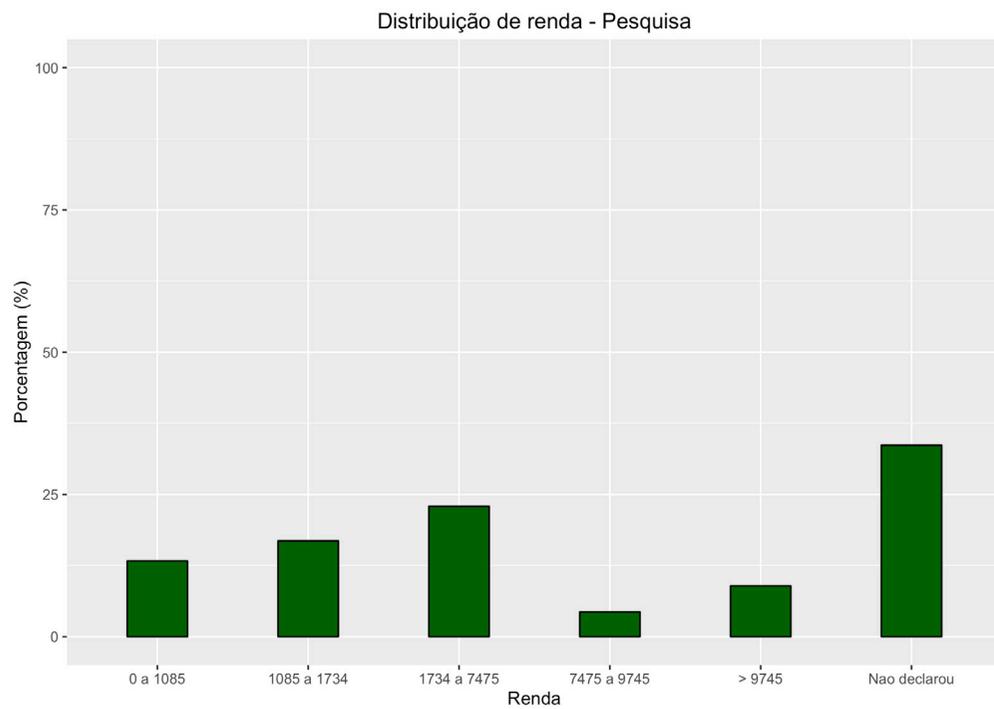


Gráfico 1.3

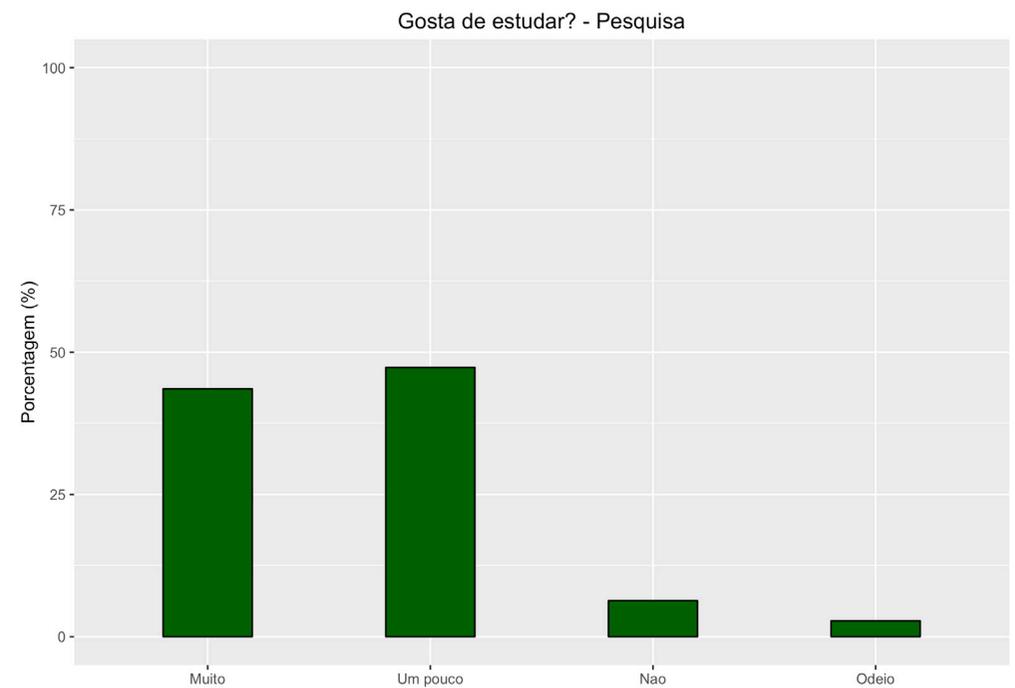


Gráfico 1.4

Entrevistas

Em linha com o objetivo de repercutir as vozes de jovens brasileiros de diferentes contextos, buscamos as opiniões e visões de estudantes de diversas idades e regiões do Brasil, com os mais variados conceitos sobre o que é e para que serve a educação que recebem. Alunos que apresentaram dificuldades durante a vida escolar e alunos que se destacaram de alguma maneira em sua formação, seja no ensino privado ou público, fundamental ou superior; que participam de ocupações e grêmios estudantis; que precisam conciliar os estudos com trabalho; que aspiram à carreira docente ou política.

A escolha e o contato com os estudantes para as entrevistas ocorreu por indicação de pessoas envolvidas com a causa educacional, participantes do Manifesto Mapa do Buraco e indicações dos embaixadores e membros do Mapa, além de indicação dos próprios entrevistados. Outro meio de escolha dos entrevistados, principalmente dos alunos de destaque, se deu através de pesquisa em meios de comunicação. No total foram

realizadas dezoito entrevistas com alunos do ensino fundamental ao ensino superior.

Também foram realizadas entrevistas com quatro professores, participantes chave da comunidade escolar e que compartilham com os estudantes um olhar, ainda que em outra perspectiva, do dia-a-dia das salas de aula. Professores que buscam se aprimorar para melhorar o diálogo com seus alunos e com a gestão escolar - tanto aqueles que se afastaram da carreira, os que nela estão se iniciando, assim como os que estão atuando nela há mais de 25 anos e viram transformações e estagnações na educação brasileira. A escolha dos docentes também ocorreu por indicações entre entrevistados, membros do Mapa e pesquisa de mídia.

Para preservar os entrevistados, suas identidades não serão diretamente relacionadas às opiniões dadas. A relação completa de entrevistados consta em anexo.

Descobertas

Através dos resultados da pesquisa e das respostas dos entrevistados, decidimos relatar nossas conclusões nas seguintes categorias:

- Entrevistas - o dia-a-dia escolar
 - o Motivação dos alunos
 - o Currículo
 - o Formação crítica e cidadã
 - o Integração e participação da comunidade escolar
 - o Valorização do professor
- Pesquisa - um retrato da desigualdade
 - o Condição da escola
 - o Meio familiar
 - o Interesse dos alunos

Entrevistas - o dia-a-dia escolar

Motivação dos alunos

Nossos entrevistados falaram repetidamente sobre o problema da motivação dos alunos. Dois fatores surgiram como os principais culpados: o conteúdo desinteressante apresentado em sala de aula (incluindo o formato tradicional como ele é apresentado, limitado em grande parte à exposição) e a falta de participação dos alunos nas decisões da escola.

Para aumentar a participação dos alunos na gestão da escola, destacam-se como medidas os grêmios estudantis e as representações de classe, nos quais os estudantes têm voz ativa e estão em posição de responsabilidade. Um legado das ocupações das escolas em São Paulo, na opinião dos jovens entrevistados que delas participaram, foi o interesse dos alunos em escolher temas, planejar e gerir

o conteúdo das atividades de ensino que seriam realizadas:

"A participação ativa dos alunos nas atividades de ensino foi determinante nas ocupações. Existe uma tendência de pensar que alunos e professores têm interesses diferentes e isso impede que ambos possam agir em conjunto para formular as atividades, gerando um modelo de ensino desinteressante."

Alguns entrevistados deram sugestões concretas de como tornar a gestão mais democrática com base em suas experiências:

"A escola deve ouvir os alunos. No colégio militar existe um sistema de representante de turma (escolhido pelos alunos), no qual, durante o semestre, ocorrem reuniões com os professores e

com o comandante da companhia para conversar sobre aquele período, levantar questões, apontar os melhores projetos, as dificuldades, etc. O aluno se sente envolvido quando o colégio para para escutar as suas necessidades. No colégio militar, além das reuniões semestrais, também é escolhido um chefe de turma diferente e, em algum momento, todos os alunos estarão em alguma posição de responsabilidade. O colégio faz esse trabalho de envolver o aluno e é o tipo de projeto que muitas vezes falta no sistema público do Brasil."

Os alunos buscam participação não apenas na gestão da escola, como relatado no exemplo acima, mas também querem ter voz sobre os conteúdos que devem aprender. A falta de conexão com

esses conteúdos é um grande fator desmotivador: *"A falta de motivação dos alunos deve-se ao não-envolvimento no processo de aprendizagem, eles apenas recebem o conhecimento e não participam na elaboração dos conteúdos que serão dados em aula."*

Por exemplo, muitos alunos questionam ao longo de sua vida escolar por que precisam aprender a fórmula de Bháskara, mas não sobre economia doméstica ou sobre política. *"As pessoas não sabem nem o que é uma democracia, como tirar um título de eleitor ou seus direitos, a escola ensina algo muito mais programático, funcional, e isso não deveria ser o seu papel, e muitos deixam de estudar porque não suportam esse sistema."* Sobre o conteúdo nas salas de aula, um de

nossos entrevistados avaliou: *"A principal herança das ocupações foi mostrar para o mundo que os estudantes administram melhor as escolas que o Estado e a secretaria, participam com mais interesse quando não é um conteúdo imposto."*

Outra das maneiras relatadas para incentivar a participação é combater o autoritarismo dentro das salas de aula, permitindo assim que os alunos entendam que têm o direito e o poder de desenvolver suas próprias opiniões, e não apenas recebê-las passivamente. *"Os alunos poderiam ter uma formação mais crítica se houvesse uma reestruturação da educação e do modo de ensino. Mudando desde a raiz, desde a forma como os alunos sentam na sala de aula; ela reflete a hierarquia, na qual professor é o detentor*

do saber," disse um de nossos entrevistados. O combate ao autoritarismo não deve ser confundido com a falta de respeito à figura do professor; trata-se de uma maior identificação com a mesma, pois uma boa relação entre alunos e professores é um fator que estimula ambos os lados a exporem suas ideias.

Um fator apontado como capaz de motivar os alunos verdadeiramente quanto à escola foi a carreira. Eles percebem a escola como um lugar de preparação para o que almejam exercer como profissão no futuro. Assim, a escola deve trabalhar com os jovens habilidades que de fato os ajudem no seu futuro, mostrando também a possibilidade de criar projetos e rumos próprios, além das carreiras tradicionais.

Currículo

Os entrevistados foram unânimes em que uma educação voltada apenas para uma formação exclusivamente técnica, altamente conteudista, é insuficiente e desatualizada. Uma crítica constante foi que o ensino brasileiro está voltado demais ao vestibular. Sabemos que o vestibular requer uma profundidade muito grande de conhecimento em áreas muito diversas. Porém, nossos entrevistados enfatizaram que não faz sentido forçar um aluno que quer seguir uma carreira em ciências humanas a memorizar tópicos extremamente específicos em Biologia, por exemplo. Essa prática, além de ocupar o tempo dos alunos com conhecimentos que eles não usarão, causa desinteresse em muitos deles.

Dentre as alternativas a esse conteúdo, uma frequente foi a contextualização de assuntos com a realidade do aluno. Muitos alunos disseram que não se interessam pelo conteúdo não apenas devido à dificuldade de entendê-lo ou de compreender seu propósito, mas por não se identificar com ele e com a linguagem com que é transmitido. O ensino de atualidades e a interdisciplinaridade foram ferramentas repetidamente citadas para melhorar esse aspecto. Além disso, nossos entrevistados argumentaram que a escola deve ensinar o aluno a desenvolver conhecimento, em vez de apenas reproduzi-lo. Porém, professores reclamaram da dificuldade de implementar esse tipo de prática devido à falta de autonomia

que eles têm em relação aos diretores, os quais, por sua vez, têm pouca autonomia quanto aos órgãos que regem a educação (no caso de escolas públicas).

Outra maneira de conectar o conteúdo à realidade do aluno está na representatividade. Para citar um exemplo, as aulas de História são centralizadas na cultura europeia e no papel do homem, enquanto grande parte dos alunos se identificam com a cultura afro-brasileira e indígena, e gostariam de ver em sala de aula essa história - não apenas no contexto da escravidão - assim como a ascensão do papel da mulher e a importância do feminismo. As entrevistas deixaram claro que a representatividade importa e muito, principalmente em um espaço como a escola

e na época de vida em que os alunos a frequentam.

Além de um foco excessivo em conteúdos de relevância questionável, o sistema atual acaba por não reconhecer outras habilidades valiosas, como relatado em uma das entrevistas:

"O modelo atual de ensino é muito seletivo, você tem matérias determinadas e se você for ruim em alguma delas já não é considerado um bom aluno. Só que os estudantes têm conhecimentos que não necessariamente fazem parte do currículo atual, eles podem ser bons em comunicação, por exemplo, ter um bom desenvolvimento crítico, mas isso não é contemplado. A escola deveria se ade-

quar e conseguir fazer o estudante crescer naquilo que ele consegue e quer se desenvolver."

Se por um lado nossos entrevistados indicaram que é preciso rever o que é ensinado nas escolas, há alguns assuntos que todos concordam ser importantes: a garantia do aprendizado básico de matemática e da capacidade adequada de leitura e escrita. *"É preciso dar uma atenção maciça para matérias de base como português e matemática. Vejo colegas meus no terceiro colegial ainda com dificuldades enormes em matemática e com qualidade de leitura péssima."* Os dados sobre o aprendizado de matemática e português comprovam o problema: no

9º ano, apenas 23% dos alunos aprenderam o adequado em português, e 11% em matemática.

O MEC trabalha atualmente na chamada Base Nacional Curricular Comum (BNCC), o primeiro documento com valor legal que definirá temas que devem constar em todos os currículos escolares do país, com direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento definidos pelo governo federal. Precisamos que a Base ajude professores do Brasil inteiro a seguir um plano que garanta o aprendizado de conteúdos básicos na idade adequada, e que aponte as habilidades a serem priorizadas, combatendo o conteudismo que hoje permeia as salas de aula brasileiras.

Formação crítica e cidadã

O ambiente escolar é um dos espaços em que a construção da vida social dos alunos se inicia, e é também nele que os alunos devem aprender sobre o convívio em sociedade. Uma formação cidadã ocorre quando a escola se preocupa e investe em temas como respeito, senso crítico, valores democráticos e comunicação.

Nossos entrevistados apontaram a importância do papel da escola no combate a diversos preconceitos para que eles não sejam levados à vida adulta. É através da informação que muitos preconceitos são deixados para trás e é possível transformar o ambiente escolar em um espaço de crescimento social e de troca de experiências entre todos os membros da comunidade escolar. Nas palavras de uma de nossas entrevistadas, *"Os alunos por si já estão conversando entre si e estão trabalhando em uma convivência melhor e mais crítica. O problema é que muitas escolas ainda são conservadoras, machistas e homofóbicas, não respeitam coisas básicas."*

Caminhando lado-a-lado à formação cidadã, a necessidade de promover habilidade crítica aos alunos deveria ser um dos grandes objetivos da escola. Dificilmente se consegue uma postura cidadã sem pensamento crítico e vice-versa, e ambos são sustentados pela troca de ideias e pela tolerância. A capacidade de análise crítica é essencial para o exercício pleno dos direitos e deveres políticos de todos nós como cidadãos. Muitos alunos disseram que querem sentir que o espaço escolar é um ambiente aberto a opiniões e que eles serão bem recebidos para que possa existir um desenvolvimento intelectual e crítico:

"A educação deveria ser mais libertadora, o papel da escola deveria ser o de formar cidadãos, pensadores, que saibam questionar tudo, e não máquinas funcionais que recebem ordens."

Dentre as maneiras de estimular o senso crítico dos alunos, os debates em sala de aula foram uma das mais apontadas pelos entrevistados. Os alunos sentem a necessidade de saber mais sobre atuali-

dades, sobre seus direitos, política e democracia, e de expor suas opiniões para que a construção do saber seja multifatorial. Os professores precisam estar preparados para lidar com os questionamentos gerados e devem estar dispostos a atuar como mediadores e parte dessas discussões. Outros exemplos citados para tal foram passeios culturais, aulas de teatro, música, clubes de leitura e de cinema, além do estímulo a agremiações estudantis e representatividade de turma frente à gestão escolar.

A capacidade da escola de exercer seu papel de formadora de cidadãos conscientes e críticos vem sendo ameaçada por movimentos como o Escola Sem Partido. Lembrado e criticado por nossos entrevistados, o movimento se disfarça sob o apartidarismo para tentar retirar da sala de aula temas relativos a gênero, como a violência à mulher e as causas LGBT. Além disso, busca proibir a discussão de temas políticos em sala de aula, reduzindo assim o potencial do professor de criar alunos cidadãos.

Integração e participação

Um dos meios apontados diversas vezes pelos entrevistados como uma maneira de melhorar a educação e aproximar o aluno da escola foi a integração de toda comunidade escolar, que é o corpo social entre gestores, coordenadores escolares, alunos, professores, responsáveis e outros atores da educação.

Alunos que tiveram destaque e sucesso relataram que parte disso se deve aos exemplos vindos dos pais, que sempre motivaram os estudos e a leitura. A ausência da família nas questões de educação é um fator importantíssimo para a evasão escolar, e ela ocorre quando nem mesmo os pais percebem a relevância da educação. Quando a percebem, muitas

vezes estão cercados de outras preocupações e não encontram um espaço para participarem, como em reuniões com professores e gestores, a fim de estender o contato para além do espaço de ensino. Assim, uma melhor estrutura para participação dos pais nas escolas, para além das conhecidas reuniões, seria uma ferramenta importante.

Nossos entrevistados reclamaram repetidamente também do que eles veem como diversas relações autoritárias - de secretarias com as escolas, de diretores com professores, de professores com alunos:

"O maior problema é um diretor, professor ou até secretário de educação se

achar o grande o dono do ensino e não dar ouvidos e abusar do poder que tem. O que falta é atitude, muitos alunos, professores e até o povo reclamam, mas poucos tentam algo. Libertar o professor e o diretor é um caminho."

"As decisões sobre conteúdo são impostas por secretarias de educação autárquicas, e não pela comunidade escolar (alunos, pais, professores e diretores)."

"A burocracia que uma escola enfrenta quando quer fazer algo diferente é muito grande, chega a desanimar qualquer um."

No que diz respeito em particular aos diretores escolares, um de nossos entrevistados relatou: *"Acredito na escolha*

democrática ou aprovação dos gestores de escola, que são escolhidos por apoio em campanha política (...) e que este seja livre para deliberar, junto ao grêmio estudantil. Defendo o cumprimento da autonomia conforme a LDB [Lei de Diretrizes e Bases] nos colégios.”

O diretor da escola é o responsável máximo da unidade escolar respaldado por lei. É ele o encarregado pela organização escolar, planejamento das atividades, manutenção de condições de trabalho e infraestrutura básica para professores e alunos, e do estímulo à integração da comunidade como um todo. Sua figura foi lembrada por alguns entrevistados como

uma figura de grande autoritarismo mais do que um agente chave na gestão escolar, e questionou-se o papel da comunidade na escolha.

A seleção dos diretores em muitos municípios ocorre através de indicação política pela secretaria de educação, o que abre espaço para uma escolha pouco profissional, de baixa qualificação e que pode causar descontinuidade a cada ciclo eleitoral, quando se troca o governo municipal. Outro método em voga, conforme citado na entrevista acima, é a eleição do diretor. Quando o diretor é eleito pela comunidade escolar - podendo-se aí incluir professores, alunos e até pais - inte-

gra-se essa comunidade na escolha. Um terceiro método é o de processo seletivo, que permite a escolha do diretor por qualificação.

Casos de sucesso foram encontrados em Sobral, que utiliza o método do processo seletivo na escolha, e em Foz do Iguaçu, que utiliza o método de eleição. Ambas as cidades se destacaram nos últimos anos entre os melhores índices educacionais do país e estimulam outros municípios a inovarem, pensarem em métodos mais integradores na escolha da gestão escolar.

Valorização do professor

Os docentes são aliados dos estudantes na construção do conhecimento, na motivação e orientação dos alunos; eles são a figura que facilita o acesso e a compreensão de conteúdos e conhecimentos. Infelizmente, a carreira de docência perdeu o atrativo para os jovens e até mesmo para os próprios professores.

Todos os entrevistados, sejam alunos ou professores, foram unânimes em concordar que os docentes não recebem um salário justo para o cargo que exercem. O piso salarial atualmente é de R\$ 2.135,64², e muitos professores precisam trabalhar em até três períodos, em salas com cerca de cinquenta alunos, para suprir seus gastos. Isso os afasta da famí-

lia, de atividades de lazer, e comumente causa quadros de ansiedade e depressão associados ao estresse, além de atrapalhar e limitar o processo criativo de atividades novas que gerem mais interesse no aluno.

Além do baixo salário, a falta de propósito e de identificação com o conteúdo são fatores que pesam na motivação dos professores. Nossos professores entrevistados relataram que a falta de liberdade para ensinar assuntos de seu interesse, utilizando suas próprias metodologias, é um grande desestímulo na profissão.

"Acredito que a estagnação da grade curricular e a imensa burocracia também afeta os professores, porém, o mais pun-

gente acredito ser a precarização e desvalorização que a categoria vem sofrendo cada vez mais fortemente."

Outros problemas citados por nossos professores incluem o tamanho excessivo das turmas, a falta de respeito por parte dos alunos e a baixa qualidade do espaço de trabalho, como falta de computadores ou tinta nas impressoras. E quando os professores buscam reivindicar seus direitos, protestam a respeito do que querem ou participam de greves, muitas vezes são duramente reprimidos através de perseguições políticas e até mesmo pela truculência policial, como ocorreu em Curitiba, em abril de 2015, com mais de 200 manifestantes feridos.³

² <http://portal.mec.gov.br/component/content/article?id=34061>

³ <http://g1.globo.com/pr/parana/noticia/2015/04/professores-entram-em-confronto-com-pm-durante-votacao-na-alep.html>

Pesquisa - um retrato da desigualdade

Sabemos que há enorme desigualdade de indicadores educacionais no Brasil, com alunos de mais baixa renda sendo restritos a escolas de mais baixa qualidade. Isso fica claro quando comparamos o rendimento nas provas internacionais do PISA entre alunos brasileiros de diferentes condições sociais. O Gráfico 3.1 mos-

tra a variação do desempenho no PISA de acordo com o tipo de escola (pública ou privada), bem como de acordo com a condição social. Podemos ver a enorme desigualdade no desempenho escolar com base nessa variação.

Nossa pesquisa confirmou essa realidade. Analisando como as respostas so-

bre a qualidade da escola e o interesse no estudo variam de acordo com a renda e o tipo de escola do estudante (privada ou pública), podemos descobrir os principais fatores que estão dificultando que nossos alunos, mesmo que dedicados e motivados (caso da nossa amostra), consigam estudar da maneira que gostariam.

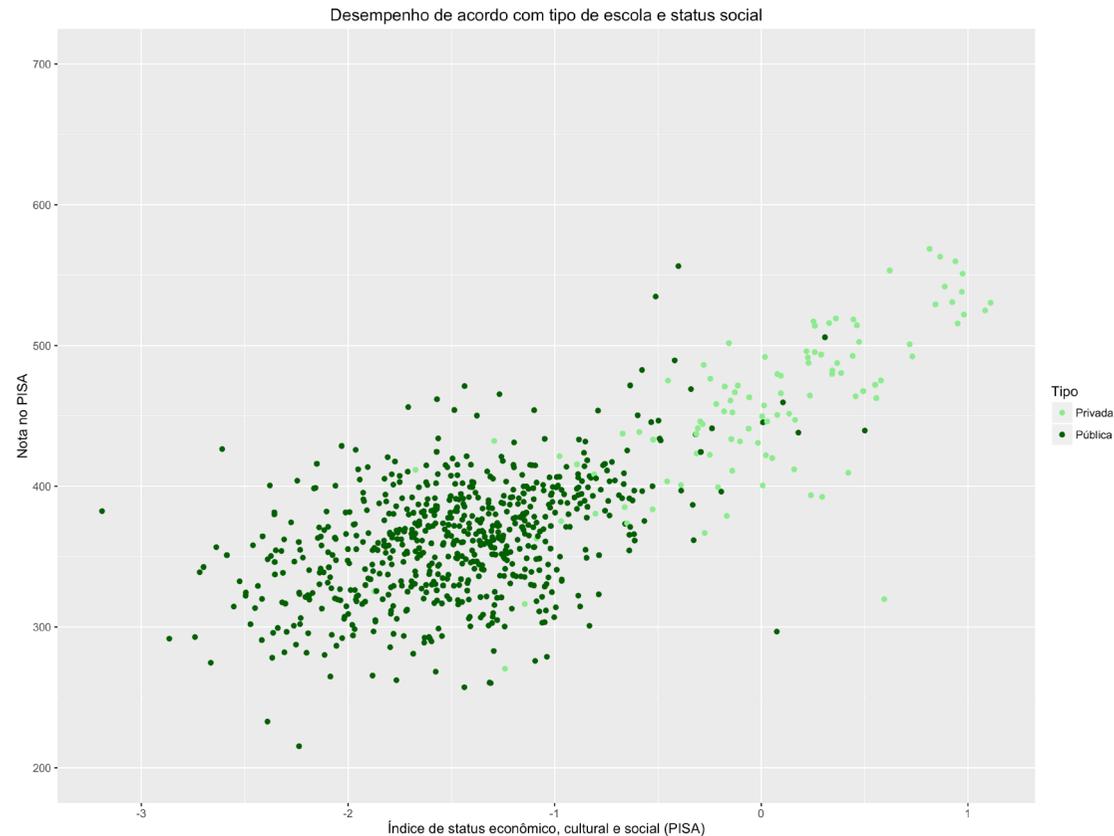


Gráfico 3.1

Fonte: PISA 2012

Condições da escola

A quantidade de alunos que considera as instalações de suas escola adequadas aumenta constantemente conforme aumenta a renda. Conforme indica o Gráfico 3.2, na faixa de renda mais alta, cerca de 75% dos alunos responderam que as instalações na sua escola não são ruins. Esse número cai a cada faixa de renda, chegando a 55% na faixa de mais baixa

renda. Encontramos padrão semelhante nas respostas sobre a disponibilidade de materiais didáticos nas escolas (Gráfico 3.3).

Quando consideramos as mesmas perguntas acima e comparamos as respostas entre os diferentes tipos de escola - privada, pública e militar, esta última considerada em uma categoria à parte -

a diferença entre a qualidade das escolas fica ainda mais gritante. A porcentagem de alunos de escolas públicas que relata instalações adequadas é cerca de 30% menor que a mesma proporção em escolas particulares. A diferença é semelhante na pergunta sobre falta de material didático (Gráficos 3.4 e 3.5).

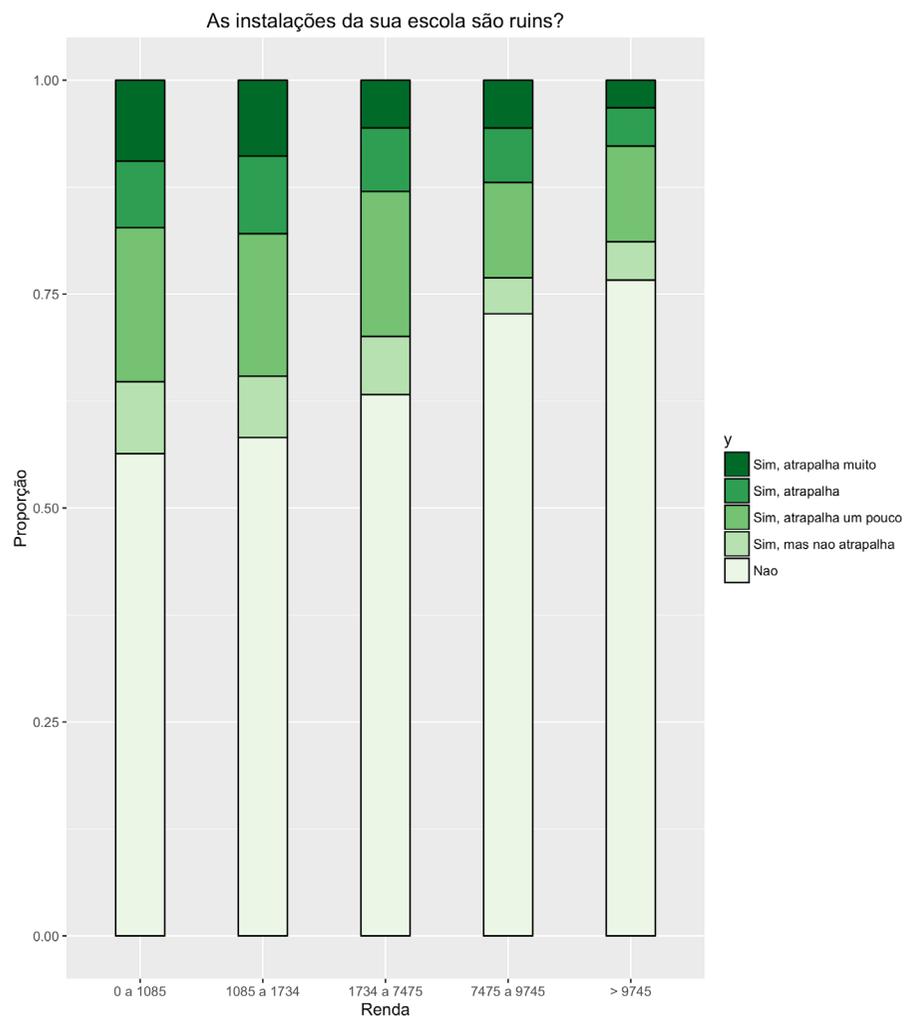


Gráfico 3.2
Qualidade das instalações, por renda

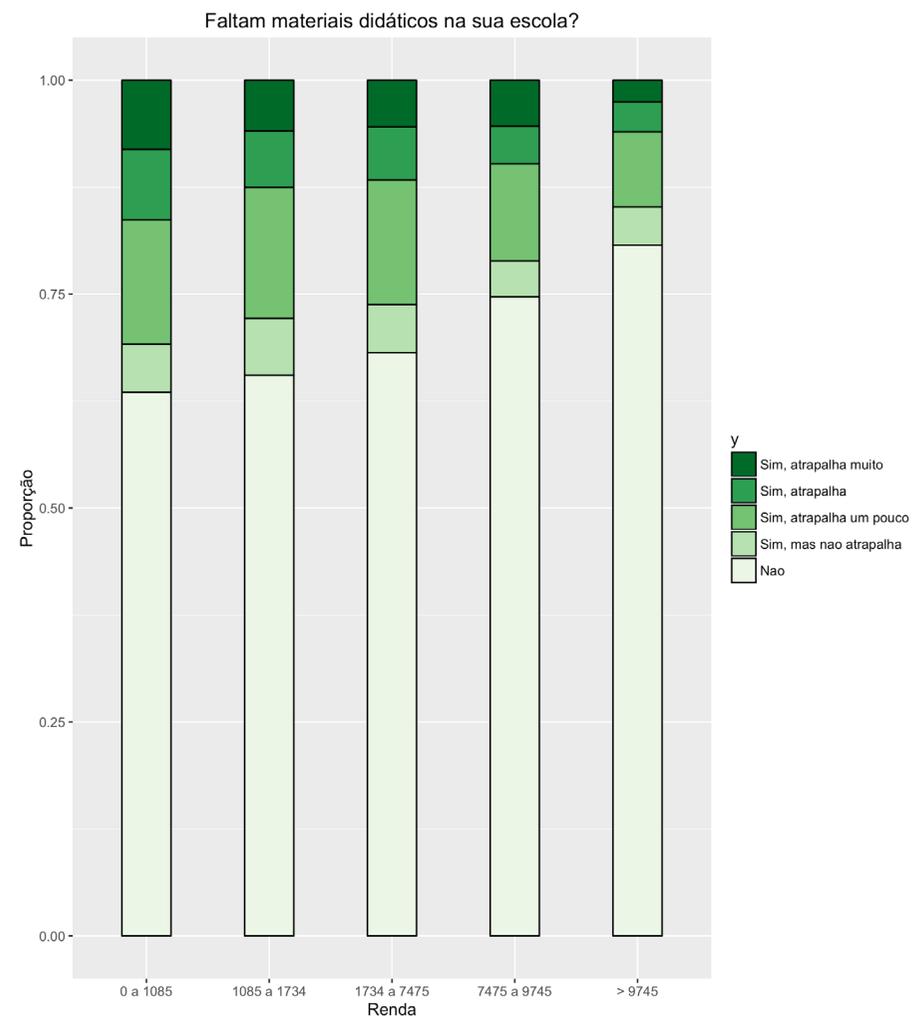


Gráfico 3.3
Disponibilidade de materiais didáticos, por renda

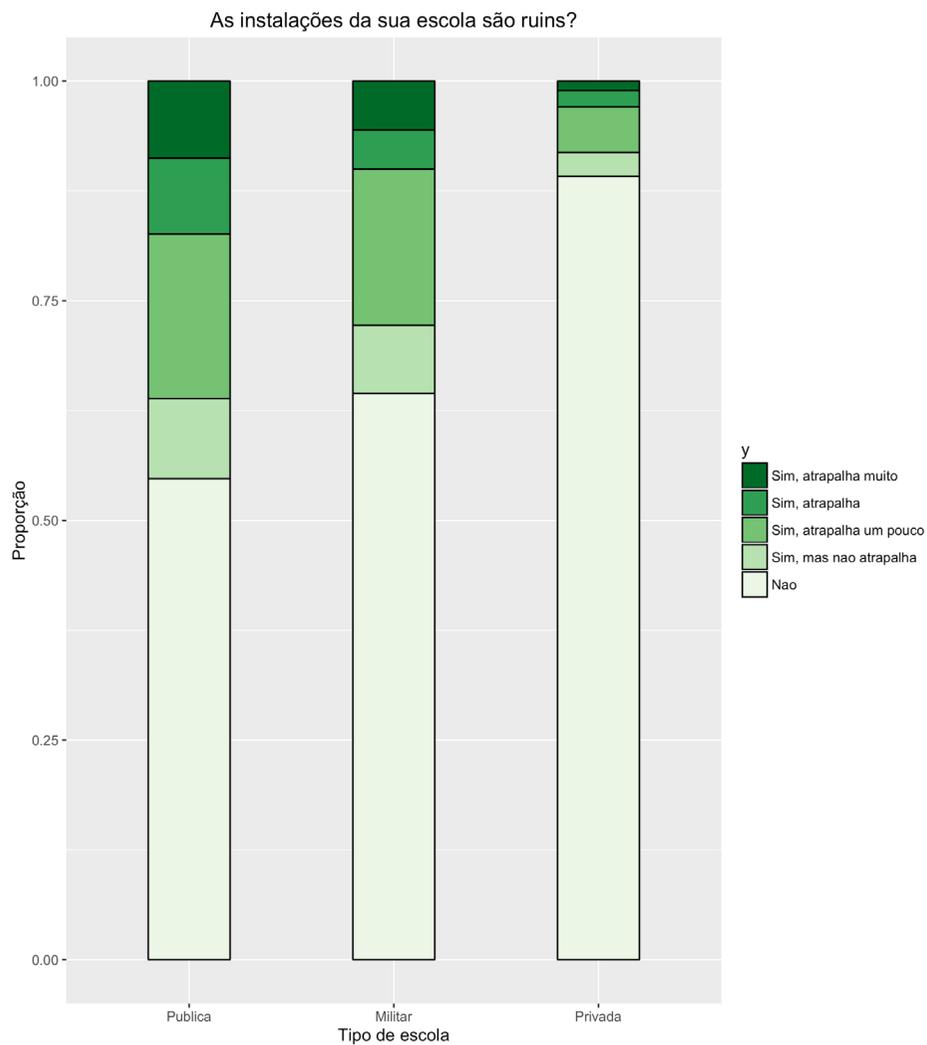


Gráfico 3.4
Qualidade das instalações, por tipo de escola

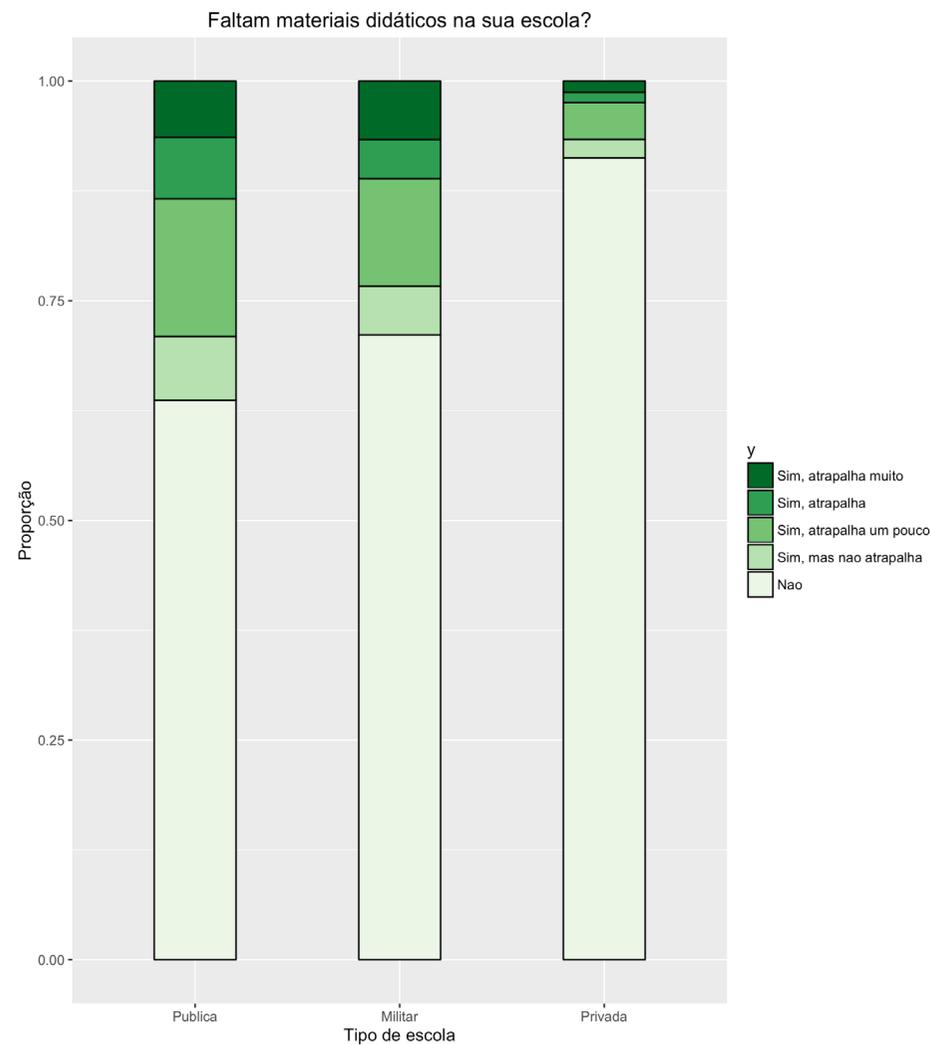


Gráfico 3.5
Disponibilidade de material didático, por tipo de escola

Meio familiar

Além da condição das escolas, encontramos em nossa pesquisa indicadores da influência do meio social em que o jovem vive sobre sua educação. Detectamos, por exemplo, que a necessidade de trabalhar é maior para jovens nas faixas de renda mais baixas, o que consome tempo que eles poderiam dedicar aos seus estudos, sacrifício que os jovens de renda alta fazem em menor proporção (Gráfico 3.6).

Outro fator que vem de fora da escola diz respeito ao incentivo dos pais. Embora nossa amostra tenha indicado níveis semelhantes de apoio dos pais ao estudo em geral (Gráfico 3.7), ainda assim os jovens de renda mais alta indicaram com maior frequência que seus pais os incentivam a ler (Gráfico 3.8). Embora nosso universo seja limitado e o apoio dos pais deva variar de acordo com a renda quando analisarmos o Brasil como um todo,

nossa amostra sugere que mesmo nos casos de famílias de baixa renda que incentivam seus filhos quanto à escola, há fatores do ambiente familiar (aqui representados por livros - poderíamos também pensar em viagens, museus, etc.) que ajudam no desempenho do jovem, mas que as famílias de baixa renda não têm condição de proporcionar aos seus filhos em mesma proporção.

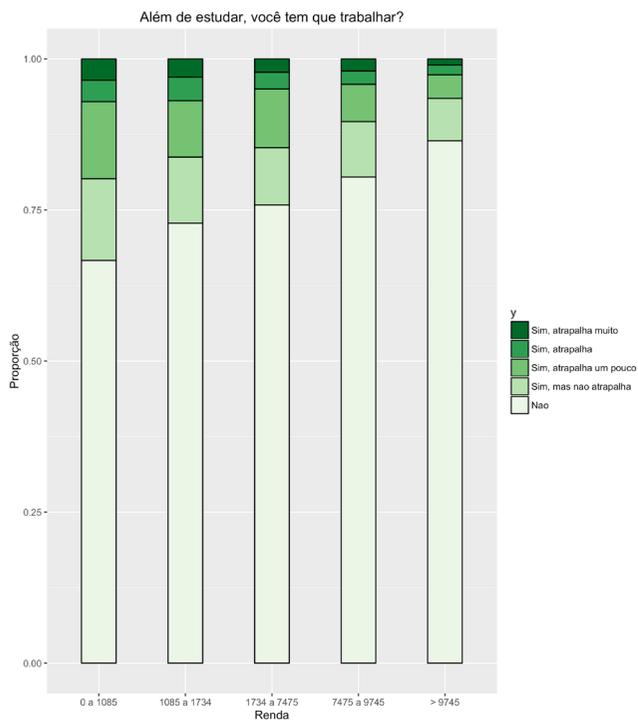


Gráfico 3.6
Jovens que trabalham, por renda

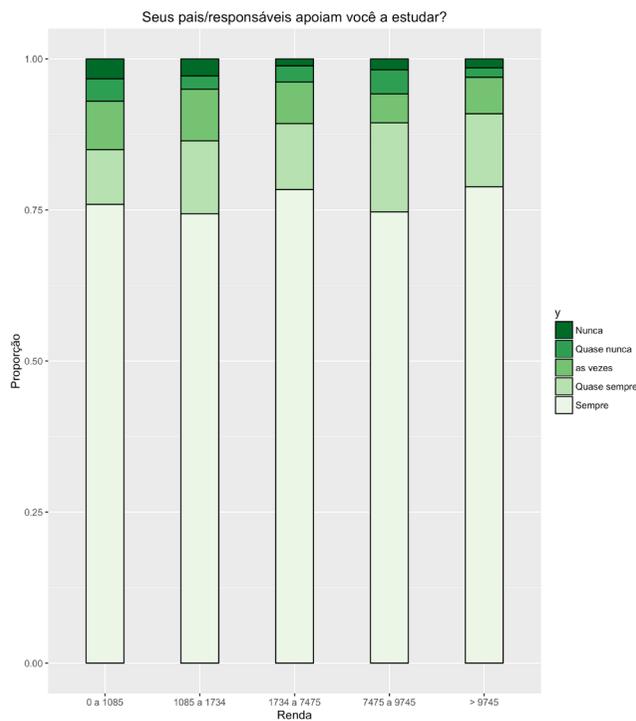


Gráfico 3.7
Apoio dos pais para o estudo, por renda

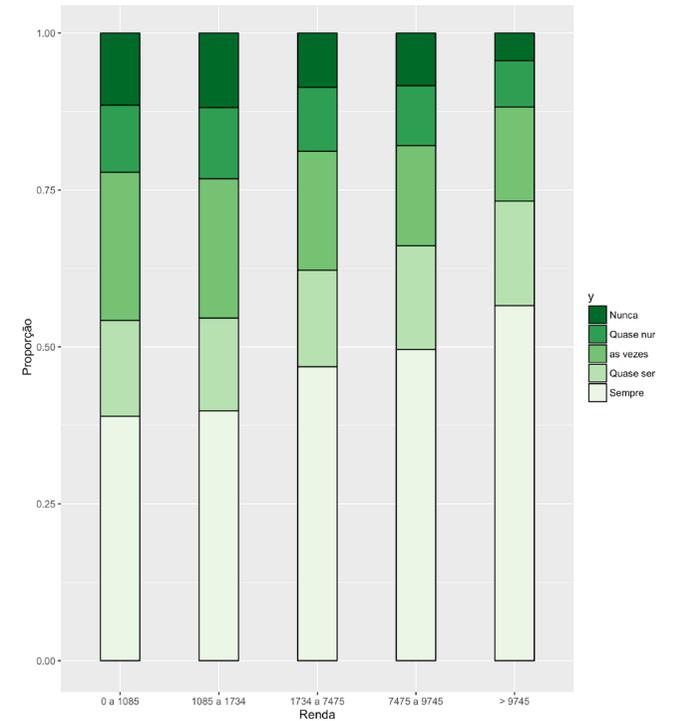


Gráfico 3.8
Apoio dos pais para a leitura, por renda

Interesse dos alunos

Em contraste com as variáveis que têm influência clara da renda dos estudantes, é interessante também analisar quais respostas não mudam sistematicamente de acordo com a classe social. Um dado interessante é que a avaliação do conteúdo escolar foi semelhante dentre as várias faixas de renda. Isso pode indicar que o tipo de conteúdo ensinado nas escolas frequentadas por alunos de baixa ou alta renda não varia muito; o que varia é a qualidade das escolas (como indicado nas perguntas acima). De fato, como já discutido, o currículo escolar brasileiro ainda é muito conteudista, e isso não parece ser melhor nas escolas de maior qualidade. O que as caracteriza como de “melhor qualidade” hoje é, no geral, a

maior capacidade de ensinar esse conteúdo enciclopédico. Mas os alunos da nossa amostra continuam percebendo o conteúdo da mesma maneira nas diversas faixas de renda.

Finalmente, podemos observar que o gosto pelo estudo não teve grande variação com a classe social (Gráfico 3.9 e 3.10), apesar das piores condições, demonstradas acima, em que os alunos de mais baixa renda se encontram. Inclusive, curiosamente, nossa amostra demonstrou uma queda sistemática na vontade de ir à escola conforme a renda familiar aumenta. Padrão semelhante foi encontrado na crença de que a educação os ajudará a alcançar seus sonhos (Gráficos 3.11 e 3.12).

Assim, pudemos observar que, apesar de nossa amostra representar um setor bastante particular dos estudantes brasileiros - aqueles motivados a estudar, predominantemente - ainda assim se verificam diferenças significativas nas condições que eles têm ao seu dispor de acordo com a renda familiar. Porém, surpreendentemente, não encontramos em nossa amostra essa mesma variação quanto à vontade de estudar. Portanto, parece que quando restringimos nosso olhar aos alunos dedicados de diferentes classes sociais, a desigualdade se encontra sobretudo na condição das escolas e no ambiente familiar; não na vontade para estudar.

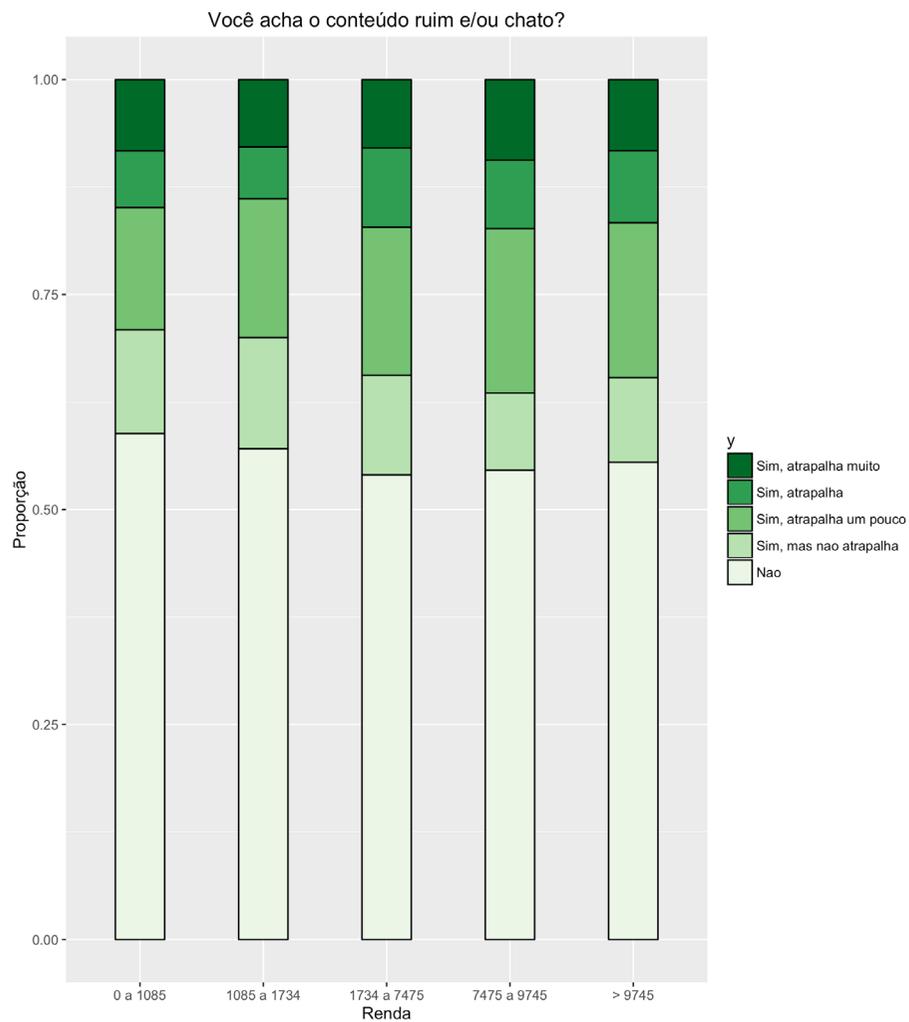


Gráfico 3.9
Interesse no conteúdo, por renda

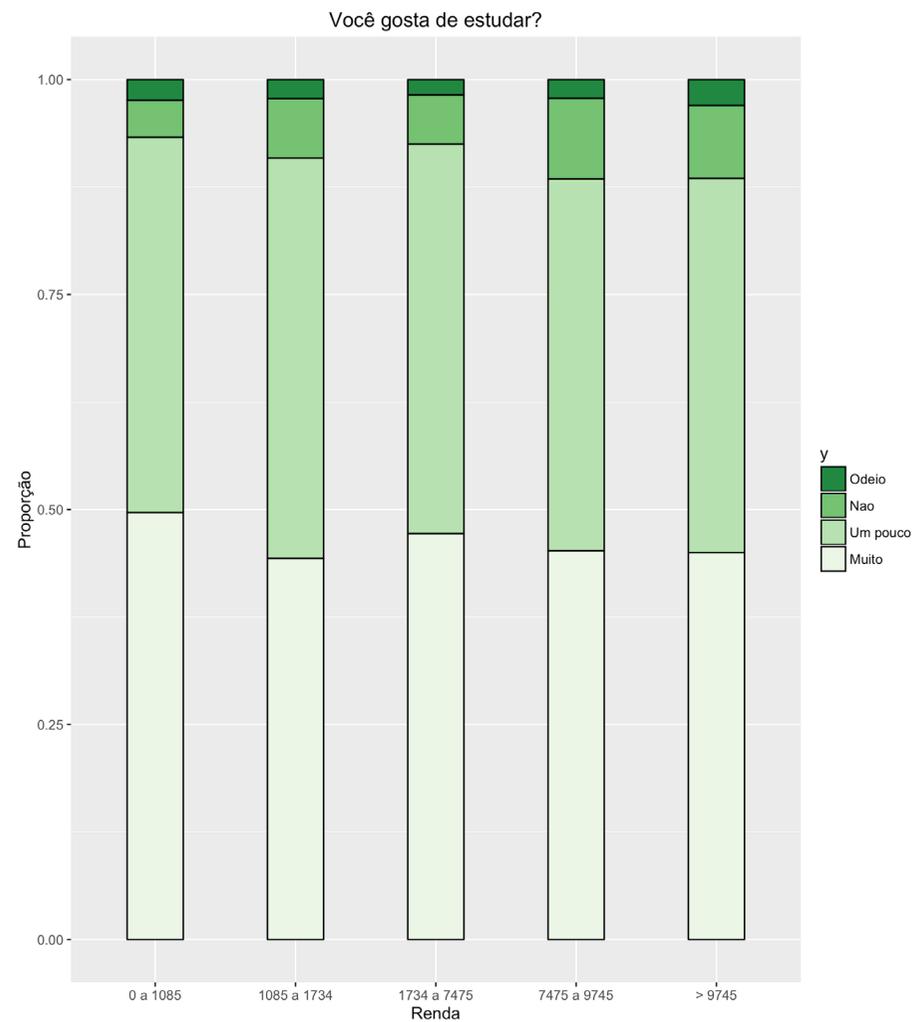


Gráfico 3.10
Interesse em estudar

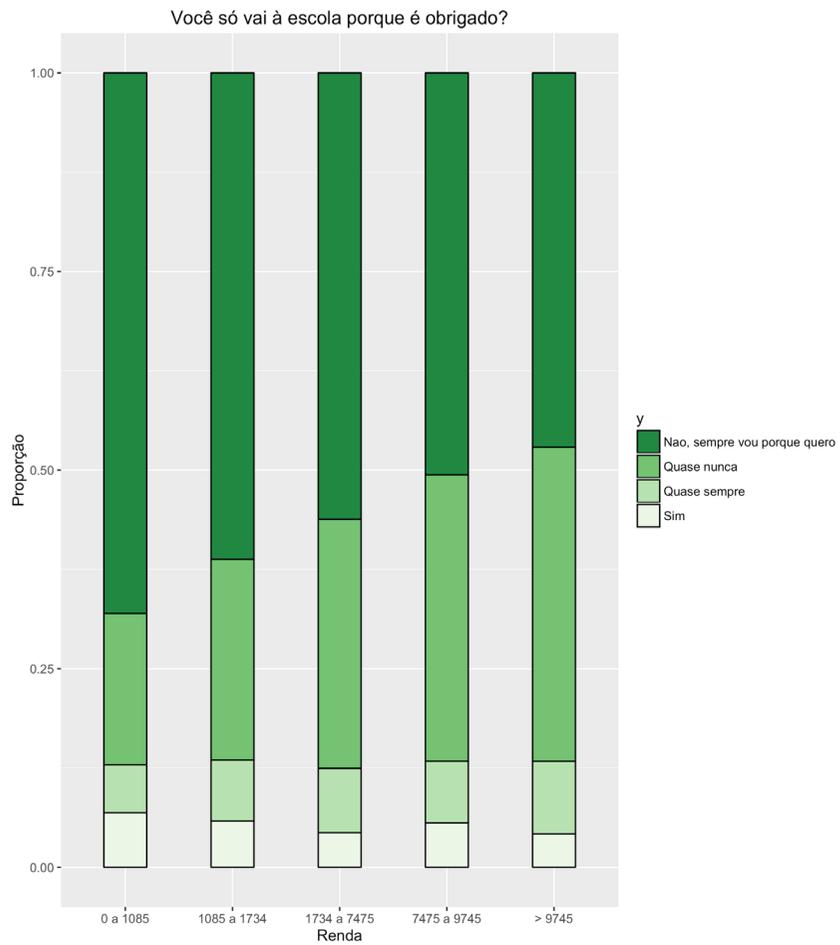


Gráfico 3.11
Motivação para ir à escola, por renda

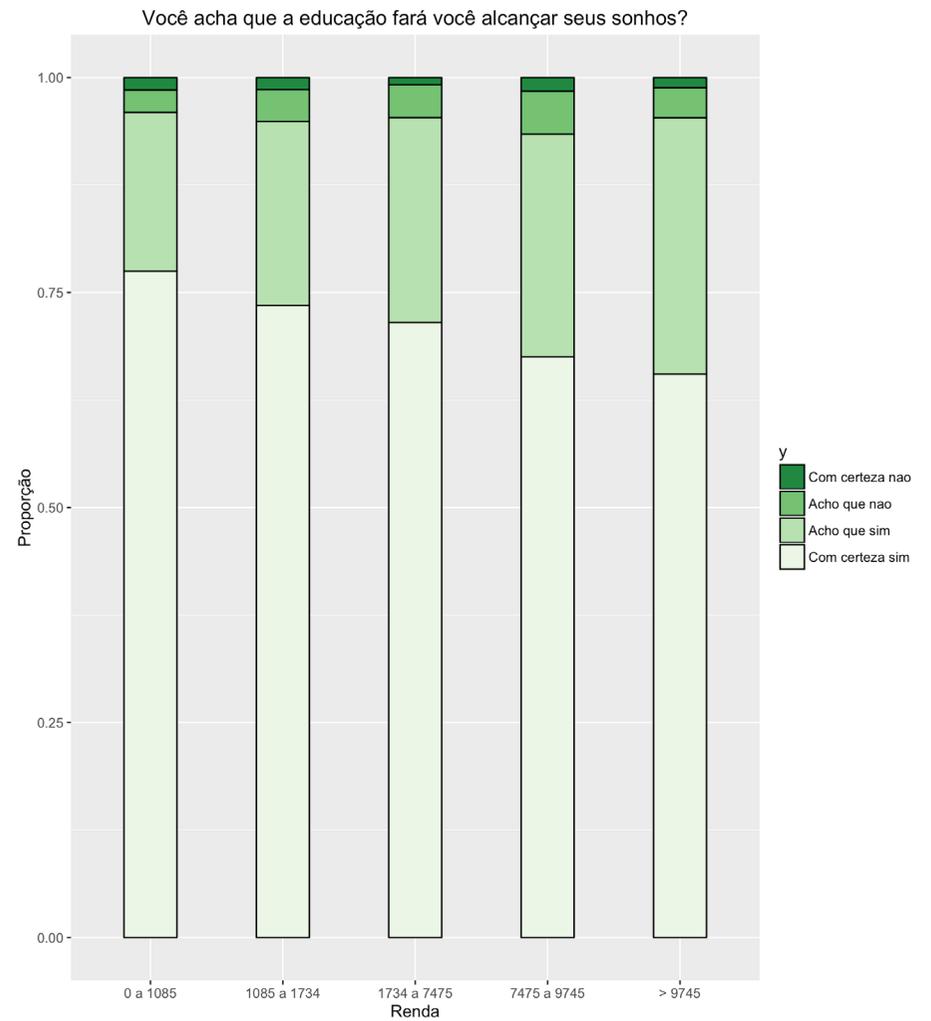


Gráfico 3.12
Educação e sonhos, por renda

Conclusão

A construção deste Manifesto nos permitiu entender de uma maneira global as ansiedades, desejos e críticas dos estudantes brasileiros. Descobrimos que precisamos revolucionar o conteúdo das salas de aula e a maneira como ele é ensinado; envolver mais a comunidade escolar como um todo nas decisões que a afetam; valorizar professores e atentar para a grande desigualdade de recursos educacionais entre famílias em diferentes faixas de renda, o que causa uma grande injustiça a cada nova geração de estudantes.

Mas esse conhecimento não pode ficar parado; de pouco serve se não o pusermos em ação. Se por um lado encontramos uma série de problemas, temos também um dado que nos dá esperança: **95% dos jovens que responderam à nossa pesquisa disseram que têm vontade de mudar a educação brasileira.** O Mapa convida você a pôr a mão na massa e, junto conosco, trabalhar para a mudança que queremos ver no Brasil. Seja criando uma nova tecnologia que melhore a comunicação entre os diferentes membros da comunidade escolar; seja dedicando sua carreira ao ensino e trazendo conteúdos relevantes à sala de aula; seja exercendo seu papel de cidadão e pressionando nossos políticos por melhores salários para os professores; ou abraçando a causa e virando o candidato da educação na sua cidade, estado, ou - por que não? - no Brasil.

Mãos à obra!



Anexos

Entrevistados

Estudantes

Barbara da Costa Amora

Aluna do estado do Amapá contemplada com bolsa de mentoria de Harvard.

Franciel Castilho (Tininho)

Aluno de 20 anos que cursa o ensino médio em escola pública.

Gabriel Zanlorenssi

Aluno de Ciências Sociais da USP, participou da equipe de comunicação da página do Facebook “Não Fechem Minha Escola”, ativa a favor das ocupações.

Gislaine Gomes

Ex-aluna da Plínio Negrão, participou das ocupações de 2015 e de atos do MPL.

Guilherme Cortez

Ex-aluno da ETESP, participou ativamente das ocupações de 2015 e atualmente cursa Direito na UNESP.

Ícaro Bendas

Atualmente cursa o terceiro ano do ensino médio na Escola Técnica Estadual Guaracy Silveira, participa do Coletivo Juntos! e na Rede Emancipa de Cursinhos Populares.

Iuri Cardoso

Aluno de Ciências Sociais da USP com enfoque em Sociologia da Educação e militante.

Igor Marçal Bueno

Estudou a vida toda em escolas públicas da zona norte de São Paulo.

Joyce Elen Barros Pereira

Aluna de quinze anos do Instituto Federal de Alagoas (IFAL).

João Vinícius Alcantara

Estuda no terceiro colegial na escola estadual Edgar Barbosa, em Natal -RN.

Lara Rayanna

Estudante de ensino médio em escola estadual de Fortaleza.

Leo Nardi

Estudante da E.E. Fernão Dias Paes, participou da ocupação de 2016 e é referência como militante secundarista pela causa LGBT.

Leonardo Guimarães

Presidente eleito da UEE-RJ, estudante de direito da FND-UFRJ e militante da União da Juventude Socialista (UJS).

Lucy Lima

Estuda na escola estadual Andronico de Melo e se envolveu com as ocupações de 2015.

Susana da Silva Soares

Aluna de 13 anos do nono ano na escola municipal Juscelino Kubitschek de Oliveira, em Santana de Parnaíba.

Tita Couto

Aluna feminista do ensino médio de São Paulo que milita a favor da educação e contra o machismo.

Walkíria Lajola Garcia

Chegou a frequentar doze escolas diferentes, tendo experiência no ensino particular e público, e foi aprovada em cinco universidades americanas, entre elas, Harvard e Yale.

Yasmin Mafra

Estudante de 16 anos da rede pública de Manaus.

Futuros, atuais e ex-professores

Adriano de Sá

Professor de história da rede pública, rapper e militante.

Ana Lúcia Correa

Ex-professora da rede pública de São Paulo, tem experiência na formação de professores.

João Victor da Costa

Recém formado em colégio federal no Rio Grande do Norte, tem intenção de ser professor de matemática e estuda para tal.

Lorena Kirst

Vinte e cinco anos de experiência em ensino e também coordenação na rede pública, tanto municipal como estadual, no estado do Mato Grosso do Sul.

Perguntas da pesquisa

Dificuldades

- 1- Sua escola é longe da sua casa?
- 2- Quanto tempo demora a viagem de sua casa até a sua escola?
- 3- Além de estudar, você ainda tem que trabalhar?
- 4- Faltam materiais didáticos (livros, apostilas, etc) na sua escola?
- 5- As instalações da sua escola (salas de aula, banheiros, biblioteca, etc) são ruins?
- 6- Seus professores faltam muito?
- 7- Você acha o conteúdo das aulas ruim e/ou chato?
- 8- Seus professores são bons?

Participação da família

- 1- Seus pais/responsáveis sabem que notas você tira na escola?
- 2- Seus pais/responsáveis te apoiam a estudar?
- 3- Seus pais/responsáveis te apoiam a ler livros, revistas e/ou jornais?

Benefícios da educação

- 1- Você acha que estudar vai fazer você ter sucesso profissional, ganhar dinheiro e/ou ser respeitado?
- 2- Você acha que todo mundo deveria ir à escola?
- 3- Você acha que com educação você pode melhorar seu país e o mundo?
- 4- Você acha que a educação fará você alcançar seus

sonhos?

5- Você gosta de estudar?

6- Você só vai à escola por que é obrigado?

Ferramentas do aprendizado

- 1- Tecnologia em sala de aula (computadores, tablets, projetores, etc)
- 2- Tecnologia fora da sala de aula (vídeo aulas, portais de discussão online, etc)
- 3- Aulas práticas (exemplos do dia-a-dia, visitas a laboratórios, etc)
- 4- Debates e discussões
- 5- Trabalhos em grupo

Melhorias para a educação

- 1- Na sua opinião, quais os maiores problemas da educação brasileira?
- 2- Na sua opinião, o que deve ser feito para melhorar a educação brasileira?
- 3- O que você está fazendo para ajudar a melhorar a educação brasileira? (É possível selecionar mais de uma ou nenhuma)
- 4- Se você selecionou pelo menos uma das opções anteriores, quanto tempo por semana você dedica àquela(s) atividade(s)?
- 5- Você se sente capaz de mudar a educação brasileira?
- 6- Você quer ajudar a mudar a educação brasileira?
- 7- Qual é a maior qualidade da sua escola?